

LUIZ GUSHIKEN

É o coordenador geral da campanha de Lula e pessoa da sua mais absoluta confiança. Deputado federal de São Paulo, o petista dará a palavra final sobre qualquer tema e controlará os compromissos políticos estratégicos para o candidato.

JOSÉ DIRCEU

Mais que presidente do PT, Dirceu é amigo e conselheiro de Lula e tem mais paciência para articular as alianças. Saiu vitorioso com união das esquerdas e na campanha funcionará como amortecedor entre Lula e os líderes dos outros partidos, principalmente Brizola, com quem se dá muito bem.

CRISTOVAM BUARQUE

Bom administrador e intelectual, Cristovam ajuda Lula informalmente no andar de cima - a elite da esquerda - e no andar de baixo - as classes pobres - com os grandes programas sociais implantados em Brasília. Seu governo, o único do PT, é a vitrine que a oposição vai exibir nesta campanha.

CLARA ANT

A tesoureira do PT é quem dará o ritmo da campanha no que se refere a gastos, que controla com cuidado por causa da escassez. Clara (foto) espera arrecadar R\$ 1 milhão com 100 mil cofrinhos distribuídos pelo País, mas mantém contatos com empresários que já contribuíram na eleição passada e outros que querem contribuir pela primeira vez.



JOSÉ CARLOS ESPINOZA

É o secretário particular de Lula e escolhe os compromissos do candidato. É fundamental para o candidato, mas sua importância relativa na equipe é pequena, porque não tem o poder de decidir sobre os grandes compromissos políticos, funções desempenhadas por Gushiken e por Dirceu.

P E R F I L

Lula

Luiz Inácio Lula da Silva, 52 anos, nasceu sertanejo e como retirante da seca nordestina foi tentar a vida em São Paulo. Trabalhando como operário, tornou-se sindicalista e a principal liderança de um partido que nasceu da união de sindicatos e trabalhadores, o PT. Hoje, tem a função de dirigente partidário como profissão. Na terceira eleição seguida, Lula está novamente na disputa pela Presidência da República. Desta vez, com o apoio dos outros partidos de oposição, que pretendem através da união das esquerdas chegar ao poder.

Lula nasceu em Garanhuns, no interior de Pernambuco, em 27 de outubro de 1945. Filho de lavradores, somente aos cinco anos conheceu o pai, que migrara para trabalhar na estiva em São Paulo, para onde levaria a família mais tarde. A viagem durou 13 dias, em um caminhão "pau-de-arara", até chegarem a Santos, onde passou o resto da infância estudando e vendendo doces e frutas para colaborar com o orçamento da família. Aos 12 anos foi com a mãe e os sete irmãos para a capital paulista. Seu primeiro emprego foi em uma tinturaria, depois trabalhou como office-boy, engraxate e aos 14 anos virou metalúrgico.

O primeiro contato de Lula com o movimento sindical foi por meio do irmão, Frei Chico (ligado ao Partido Comunista Brasileiro), que o incentivava a ler os boletins clandestinos que circulavam nas fábricas. Em 1969, Lula é eleito suplente na diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Mais tarde, aos 29 anos, chegaria à presidência do sindicato, que comandava uma base de 100 mil operários.

Carisma

O sindicalismo brasileiro começava uma nova fase. O movimento dos metalúrgicos do ABC paulista passou a ser conhecido internacionalmente. À frente do sindicato até 1980, Lula liderou greves que chegaram a paralisar 170 mil operários. Nesta época, a liderança carismática irritava tanto a direita quando a esquerda. Ele era conside-



rado ideologicamente indefinido e até junho de 1978 confessava não estar interessado em fazer política.

Em 1980, no entanto, ele surpreende a esquerda e a direita propondo a fundação do PT. Em 1982, o PT já estava implantado em quase todo o território nacional, com cerca de 400 mil militantes. Lula incorpora o apelido ao nome e concorre ao governo de São Paulo, ficando em quarto lugar. No ano seguinte, participa da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), principal órgão de apoio ao PT.

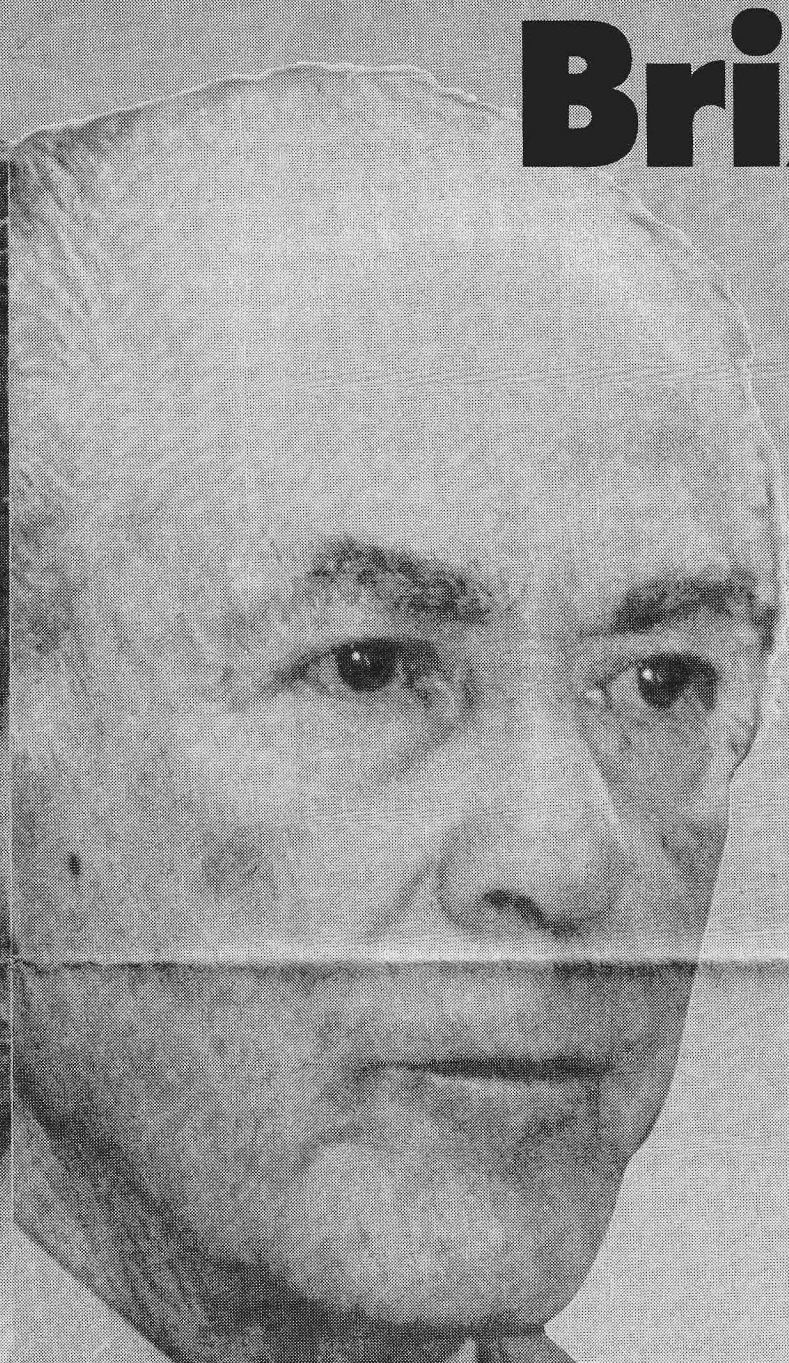
Aglutinação

Nas eleições de 1986, Lula é eleito deputado constituinte com o maior número de votos (650.134) em todo o País. Em 1989, se lança candidato à Presidência da República e vai para a disputa do segundo turno com 11,6 milhões de votos e perde as eleições para Fernando Collor, ficando com 44% de votos, seis pontos percentuais atrás do primeiro colocado. Vencido nas eleições de 1989, Lula sai fortalecido com o impeachment de Collor. O PT fez uma trajetória contrária à do PSDB, que indicou parte de seu quadro para cargos de primeiro escalão do governo Collor.

Nas últimas eleições, Lula se lança novamente candidato pelo PT. No início de 1994, o nome do petista aparece em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, com 40% das intenções de voto. O quadro é revertido pelo adversário, o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Contando com o sucesso da implantação do Plano Real, Fernando Henrique vence Lula no primeiro turno, com 54,3% dos votos.

Casado e com cinco filhos, Lula continua se dedicando à vida partidária, mas sem exercer nenhum mandato político. Desde 1989, o petista não concorreu a nenhum outro cargo eletivo além da Presidência da República. Apesar de ter abandonado o macacão há 26 anos, o lado operário é sempre lembrado por ele nos discursos e no gesto de esfregar as mãos, deixando à mostra a falta do dedo mindinho, decepado por uma prensa quando trabalhava como torneiro mecânico. Como político profissional, Lula representa hoje a aglutinação dos partidos de esquerda, que se uniram para formar a Frente dos Partidos de Oposição.

GERUSA MARQUES
Repórter do Jornal de Brasília



Brizola

atuais no modo de fazer política", explica a deputada de Brasília. A capacidade de desagregar foi demonstrada na rebelião dos petistas fluminenses, que indicaram Vladimir Palmeira para concorrer contra Anthony Garotinho, do PDT. E aí Lula é que teve de ser tão duro o quanto exigiu o petetista Brizola.

Propaganda

Como mito da esquerda, Brizola ainda é um fenômeno à procura de uma definição. É antigo e antiquado, mas tem o seu público. Exemplo disso foi sua "experiência capitalista" como garoto-propaganda do sapato 752 da Vulcabras. O calçado vendeu muito bem, inclusive para pessoas de nível econômico acima da faixa a que originalmente se destina o produto. Brizola não pode mais fazer anúncio porque é candidato, mas ganhou como cachê 200 horas de voo em território nacional, o suficiente para fazer decolar a sua pré-candidatura a vice.

Brizola faz questão de explicar a razão pela qual decidiu abrir mão de mais uma candidatura natural a presidente e se oferecer como vice desde o início, quando a união das esquerdas ainda estava no campo das utopias. "Não podíamos permitir que o nosso povo (a oposição) continuasse dividido, servindo de degrau para a ascensão da esquerda", diz, contrito, o político que em 1989 chamou Lula de "sapo barbudo".

Maturidade

Convivendo com Brizola há algumas semanas, desde que o acordo da esquerda foi fechado, Lula reescreve todos os seus conceitos sobre o "caudilho" petetista. "Posso dizer que Brizola é uma das pessoas mais doces com quem já tive o prazer de conviver", diz um Lula maravilhado. Antes, ele havia dito que "Brizola pisaria no pescoço da própria mãe para ser presidente". São águas passadas, mas ninguém ignora - e nem pode ignorar - a composição explosiva da dupla.

A deputada Maria Laura defende a união dos dois líderes partidários dizendo que "ambos têm maturidade necessária para enfrentar o grave momento político". E Vigilante acredita que o "gênio forte" de Brizola é positivo. "Ele é o político que ou se gosta ou se odeia, e isso é bom porque não engana ninguém", define o deputado.

SÓCRATES ARANTES
Repórter do Jornal de Brasília

Eles formam uma dupla muito diferente e pouco têm em comum. Geralmente, o que um diz o outro se esforça em explicar e, às vezes, desmentir. E, nesta campanha, certamente muitas declarações dadas à imprensa vão ter de ser explicadas melhor no dia seguinte, como aconteceu, recentemente, em relação à privatização da Telebrás. Já se xingaram mutuamente e com termos nada edificantes. Mas o fato é que hoje Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel de Moura Brizola se complementam eleitoralmente e - descontando a falta de compasso entre o estilo político de cada um - petistas e pedetistas estão adorando a aliança entre os seus líderes.

Por enquanto, o chamado "fator Brizola" tem mais o efeito de contraponto positivo do que de contradição. É claro, porém, que todos sabem que se a oposição chegar o poder, Brizola será um vice personalíssimo, com agenda própria, e certamente os jornais vão ter de destacar setoristas para cobrir as surpresas que frequentemente ele, com certeza, vai gerar no cenário político.

Ex-governador de dois Estados - Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul -, candidato a presidente em duas eleições (1989 e 1994) e uma das figuras de maior destaque da resistência ao movimento armado de 1964, Brizola é

um político com personalidade muito forte para caber na moldura de um vice qualquer. Não tem a discrição, por exemplo, do atual vice, Marco Maciel, que não declara nada importante há mais de três anos. Maciel, mesmo quando está no exercício da Presidência da República, consegue se manter absolutamente invisível.

"Isso não assusta, porque quem manda é o presidente da República", contesta o deputado petista Chico Vigilante (DF), defendendo Brizola. O deputado lembra que o governador do DF, Cristovam Buarque, tem como vice Arlete Sampaio, cujas características de atuação são semelhantes às de Brizola. "E ela nunca foi problema para Cristovam", tranquiliza o deputado.

Hoje, o PT admite a importância do "fator Brizola" na campanha de Lula. Brizola une, porque exerce um comando rígido sobre os pedetistas e pôde com isso agregar todos eles à candidatura de Lula. "Brizola tem menos democracia que o PT. Ele comanda mesmo, e Lula dá direção", compara a deputada Maria Laura (PT-DF).

Mas Brizola também desagrega o PT e afasta eleitores, com seu perfil de político da antiga, cheio de manhas e artimanhas, num estilo que não encontra paralelo na esquerda de hoje. "Em comparação a ele, Lula agrega elementos mais